

# O PACAJA

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 20 DE JULHO DE 1862.

N. 41.

## A ESPIA

ou

### O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

por

FREDERIC SOULLIE

(Continuação)

Estes moviões em Pariz, onde tinham posto muita espiantença. Sem ser conhecida mostrava certa abstenção. Tanto os confidados feitos os bens de Faviani e sua mulher, só lhes restavam os capitães que tinham podido fazer passar para a França. Jaffarino tinha-se tornado o factotum da casa: hum pouco criado, amigo, mas sobretudo affeiçãoado a Fiavilla como um pai e seu filho. Jaffarino era hum homem de trinta annos, que tinha servido sob o commando de Pellico no reinado de Murat. Foi pela protecção de seu antigo chefe, que chegou a ser hum dos empregados da prisão de Napoles; e era salvado Faviani, que principiava a provar o reconhecimento e a especie de idolatria que tinha votado a Pellico, e depois a sua filha.

A vida que Faviani tinha em Pariz era simples e humilmente occupada. Desde sua chegada as melhores casas dos liberees francezes lhe foram abertas com affeição; elle mesmo os recebia algumas vezes em sua casa, e offerencia assim humo distracção segundo seus gostos a alguns refugiados italianos, aos quaes não deixava faltar os seus socorros. Seu viver digno e benéfico lhe tinha valido a affeição da maior parte delles; e quando chegavam a fazer entrar algumas cartas na Italia, nenhum deixava de se estender em elogios e esperanças a respeito de Faviani. Em Napoles estas cartas erão habitualmente espalhadas, e a reputação do prescripto se augmentava cada dia; enquanto o homem destado, de que fallamos, alvo dos gracejos e dos sustos dos seus collegas, se contentava em responder com firmeza: — Deixa-me, deixai-me, eu vo-lo supplico.—E entretanto nada parecia annunciar que tivesse feito alguma cousa; porque nada se passava em Paris que mostrasse que Faviani era objecto de vigilancia ou tração. Sua vida com effeito era sempre a mesma: habitualmente guiada a fim de não assustar o governo francez, mas sempre molesto ás autoridades Napolitanas. Talvez em huma só occasião Faviani deixou de ter prudencia, e manifestou mui altamente a vivacidade de suas opiniões.

Hum dia, que estava na hopera em huma frisa, houve hum grande movimento na platéa, e todos os olhos se dirigiram para hum camarote, onde acabava de entrar humo mulher de humo belleza e sobretudo de humo elegancia rara; era de estatura baixa, e magra; seu rosto levemente pallido estava como encaixado em humo multidão de cabellos ne-

gros, que cobião sobre seus hombros; longas e finas sobrancelhas curvavão seus olhos brillantes, cujo brilho parecim que só deixavão passar a travéz de humo veo de longas pestancas que, quando suas palpebras se abaixavão, se desenhavão sobre seu rosto, e quasi tão negras como suas sombras-ellas; as suas encarnadas de seus labios se despendião da mesma sorte sobre a pallida brancura de sua pelle; e o esmalte de seus dentes, quando se sorria, brillava como os diamantes que ornavão suas ocellas; humo cruz de brillantes, preso a humo fita de veludo preto, pendia de seu pescoço; trazia humo vestido cor de rosa de humo tecido de CACHEMIRE, guarnecido por toda a parte de rendas pretas, que sobresahião sobre a marfim de sua pelle; seus braços estavão nus, erão delicados, e a pertados no pulso por braceletes de veludo preto, presos com grandes fivelas de diamantes; suas mãos estavão cheias de aneis; adevinhava-se facilmente que era humo estrangeira.

A attenção de toda a sala estava fixa nesse camarote em que estava essa mulher; e a mesma marquezza muitas vezes se tinha inclinado para admirar essa belleza surprehendedora, quando Faviani, arrastado pelo exemplo geral, se decidiu a deixar o seu lugar para julgar dos elogios que a sua Fiavilla, aliás tão bella, dava a esta desconhecida. O movimento da marquezza tinha sido reparado e tinha chamado sobre ella a attenção da estrangeira; assim, quando Faviani se chegou para ver, vio os olhos della fitar-se sobre si, e logo humo leve saudação lhe fez saber que tinha sido reconhecido. A este signal o rosto de Faviani se tornou sério, e se retirou com vivacidade para dentro do camarote, sem pagar esse leve cortejo a quella que thro tinha dirigido.

—Vós conheceis esta bella mulher? lhe disse Fiavilla.

—E tambem vós, disse Faviani.

—Eu não de certo, disse a marquezza voltando os olhos para o camarote da desconhecida, que achou attenta para si: não; se eu algum dia tivesse visto esta cara, nunca me teria esquecido; não; do certo eu a não conheço, repeto ella, olhando ainda para a estrangeira, cujos olhos a não deixavão.

—Talvez, disse Faviani, nunca a visseis; mas sabeis o seu nome: he a condessa de Palli.

—A bella Octavia! exclamou Fiavilla; he ella? E arrastada por invencivel curiosidade quiz vê-la ainda, e achou-a ainda occupada em olhar para o seu camarote, como se ahí quizesse fazer penetrar seus olhos. Fiavilla se voltou então para seu marido, que lia hum jornal com attenção, e lhe disse sorrindo-se:

—Na verdade, amigo, não sois justo: em Napoles eréis o unico que me dizia que a condessa não era bella; ou não sois franco, ou não tendes gosto.

—Fiavilla, lhe respondeu seu marido com hum doce sorriso, que mulher pôde ser bella comparada

...vulgo? E de mim, de rescatam elle com huma  
espeie de repugnancia, a condessa me desagradou;  
nao posso eger a sua vontade na vida; e a sua  
he (ou minimo) huma ma immovente, e ab.

Sp. (ou minimo) humana ma immovente, e ab.

— Mas, se a natureza me disse: "tu nautum del-  
he muita chinta de apraxar de, que que ella nada  
poderia; a essas brilhantes homonimias, e nada lhes  
diz. Sem

— Sem dúvida: mas o que huma memoradeta  
deja, e que tu, he nautas vras, nautas adtrocico  
peletoque, o seu amor. E nautas (o seu amor) se  
se faz que huma mulher o que elle quer, e que  
que ella he sempre melhora de eschiar-se as luma-  
das de seus habitos. **COZES.** □

— No de ponto a camuflado de Faym, se nautas, o  
lumin alto mau-adju nautas, he nautas tom, se aprax  
Moral. □

— Oh, de la justa, e nautas! Ev nautas elle no en-  
trar, vos a combrois, Kavim: apraxelanting-lus  
a. Ela, he homo admiraçao, huma embriaguez  
de la tal, todos fultio nautas; e nautas esta atulheio:  
em propoiti nautas, e nautas he que vos eschiarava.  
He tin bella, e nautas, e nautas, e nautas, e nautas.  
Quem he elle? donde vem, e nautas se chama? E di-  
zendo este nautas de nautas, e o nautas se deitava  
para fora do rannato para ver essa maranhosa  
para sua, e nautas olha a nautas.

(Continua.)

# SYMPATHIA

PAGINAS ROMANTICAS.  
(Continuação do n. 7.)

Virginia passava em Pondichery um  
genero de vida analoga ao de Heitor em  
Pariz, com a simples differença devida  
naturalmente ao sexo e aos costumes do  
paiz. Como seu pai a deixava muitas  
vezes só para occupar-se de seus negocios,  
Virginia tinha aprendido com cedo essa  
sciencia que dá a solidão, a reflexão. Fe-  
chada com suas creadas em uma especie  
de palacio, circundada de tudo que o luxo  
pode crear de bello de rico e de agradável,  
passava os dias meditando no que o luxo  
nao dá e que ella só tinha visão em seu co-  
ração. As reuniões tão variadas em uma  
cidade a que affluem os estrangeiros de  
distanciao de todos os paizes não lhe offere-  
ciam prazeres que lhe penetrassem a alma;  
as homenagens dos homens a deixavam  
sempre indifferente; ella dizia consigo:  
« Não e assim. » Como eram ridiculos,  
com effeito, todos esses mancebos bonitos

e ricos, em comparação da creação queiri-  
da do seu coração! Se elles tivessem vis-  
to, tal qual a via Virginia, essa imagem,  
em ergo-har-se-hiam de sua presumpção!  
Mas a virgem pudica nada deixava; appa-  
recer; ella não sabia além disso se seu  
sonho não se realisaria um dia; era moça  
e esperava; e quando o bom Koller fal-  
lava de casamento, respondia-lhe: « Ah!  
mas querido papaizinho, não tenho ainda  
desseus annos? » E Koller revestia-se  
de paciencia, continuando a amontoar  
thezouros.

Virginia tinha a felicidade de gostar  
da leitura. Sua bibliotheca era com-  
posta das melhores obras de todas as lin-  
guas, mas de tal maneira entretanto; que  
em todos esses livros nada era de natureza  
que fizesse corar a rosto innocente. Ella  
andava correndo, quanto é possível a tres  
mil legoas, a litteratura europea e sa-  
bia as obras notaveis que se publicavam  
em Alemanha, Inglaterra e França. A pes-  
soa que escolhia e lhe mandava essas obras  
era uma amiga de sua mãe, moralista em  
Paris. Quando appareceram os versos  
de Heitor, Mme. Estubal, que era conhe-  
cedora em litteratura os mandou logo a  
filha de sua amiga.

Virginia recebeu este livro em uma  
bella manhã em que ella se levantara riso-  
nha, e um sol de outubro, meigo e bri-  
llhante, atraxendo as cortinas mexi-  
das brisa, allegrava seu gabinete. Ella  
abrio o livro ao acaso, e desde a primeira  
pagina absorveu sua attenção. Essa poesia  
assenhorcava-se de sua alma como os ob-  
jectos do uma amiga; ella estremeia,  
seus olhos brillavam, suas mãos tre-  
miam voltando as folhas; finalmente, ven-  
cida por sua emoção, derramou uma tor-  
rente de lagrimas; o livro ficou inun-  
dado!... O Heitor, a sympathia, atra-  
vessando os mundos, não lez estreme-  
cer teu coração? Depois ella continuou  
sua leitura, e só a deixou quando estava  
acabado o volume; começou de novo a  
lê-lo. Os dias que se seguiram foram  
cheios da mesma maneira, até que ella  
soube todo o livro de cor, o que, devo dizer,  
não levou muito tempo.

Estava pois achado esse ente tão medi-

tado, esse amigo que o coração de Virgínia por tanto tempo chamara de *debaile* ! O venturo ! elle comprehendia seus pensamentos, pois que os traçava todos tão evidentemente que ella si entrevira ! Como sabia bem todos os segredos de seu coração ! Retirai-vos amantes vulgares, que jamais fizeste ouvir uma palavra de que o coração se lembrasse ! Estaes vencidos, aniquilados ! e por um livro. Sim, mas por um livro que não se fez a si mesmo ; não ha effeito sem causa, e da mesma forma que a criação nos faz pensar em Deus, assim os versos de Heitor levaram o pensamento de Virgínia para seu autor. No titulo ella leu seu nome, que lhe parecia encantador ; Heitor Lecomé. E insensivelmente acostumou-se a pronunciar-o de sorte que muitas vezes o inseria nos versos, que repetia. Oh ! o que devia ser esse homem que havia escripto semelhante obra ! que coração, que alma elle possuia ! que genio ! Então Virgínia fez a applicação de certos versos, que notára particularmente, aquelle que os tinha escripto, e poetizou ainda mais essa imagem já tão poetica. Não era preciso tanto para aciar uma paixão ardente em um coração creado para amar.

( Continua )

### ROMA CRISTÃ.

Meus amigos ! vede a Roma antiga, admirai-a, escutai a infinidade de vozes, que sahom de seus restos solitarios, e chorai de tristeza no meio de todas estas ruinas, mas animai-vos logo, examinai com respeito filial esta Roma Christã, que tem já durado tanto como a antiga, e que deve assistir ás ultimas convulsões do mundo ; esta Roma santa, rainha e mãi da Igreja do Christo, a quem Deus confia o cuidado de seus fiéis. Roma é apenas conhecida sob este aspecto, sua gloria passada deslumbra os olhos, que não deveriam buscar em seus muros mas do que seu actual esplendor. Esse santo ancião, que não

abre seus tremulos braços senão para abençoar o mundo, não é tão digno de nosso respeito como esse miseravel Claudio, como esse obeso e vilipendio, como Nero, como Galigula, como esses cesares perdidos de vícios e devassalões, que inquinavam os lagos da Via Sacra ?

(De Sivy, Rome et l'Italie méridionale).

Traduc. de N.

### Carta do Invernizinho Baluvalho á sua namorada.

MIMIA QUEBRADA XINFRONIA.

Kai amo-te muito ! Às vezes confrontava o vintão no fundo escuro do armazem, calcula na côr amarelada desse balsamo divino os quartinhos do negro esquadro que tenho encerrado no fundo do meu coração ; choro, e as lagrimas correm-me pelas faces avivadas como ondas de fogo ardente. Já tanto o peito escutando do doçes, como um piano de tocantim ! o teu, Invernizinho, és sempre a mesma, como um bacalhão de amoadra ! Se avaliasse as linnas dos meus affectos, verias querida Xifronia as annuías do sympathy que te consagro, e poderias, semo fusses tão cruel, viver deste amor altoceito, na doce embriaguez de um riso moço, sempre circumulado de canilhas como são os queijos pelos ratos !

Se eu possesse, donatella, escantinhava no teu coração todas as *barbas* que tenho enchido de perfume desde que te amo, para obter um lauro espantoso do teu amor ; porém, como me proíbem desse *trabalho* de *trabalho*, concede-me ao menos que faça em cada um dos lahos do teu peito, *matarrinas* *comilhões*, onde possa com segurança arrumar todos os meus desalhos !

Não julgues pela humidade do balcão, no qual vivo encerrado, frieza no coração dos meus sinceros protestos. A gaveta de minhas promessas, constantemente está azinhavando !

Já vez, portanto, pelas esperanças que diariamente appareo, ter *quantia* sufficientemente para sustentar os teus desejos ! E não manhas trocavi por uma nota de teus merecimbos, as *notas* que *mitestão* a *fi* dos meus juramentos e a *imperva* da minha confiança ?

Se não mereças uma resposta tão *quero* animo o *experimento* de minhas supplicas, breví do pesar todas as *ocurrências* amorosas e dar *baladço* as *escritas* e *escribas* dos versos que houverão durante o período de nossa amizade, e ver, no palmar *avito* de um suspiro, e no languir *passado* de um ai, o que ganhei em *paixões* !

### XINFRONIA.

Sonhos que te figuravão  
Muitos tizer e variados,  
Uns mimios e doçentes,  
Outros que me arrebatavão,  
Quando de ti me fallavão

Linda arcação do vejeira,  
 Que' vezes pallida, meiga,  
 Julgando que te abraçava,  
 Agitando-me acordava  
 — A UM BARRIL DE MANTIGA !

Quando está limpa a balança  
 Que teu gesto me refazta,  
 Logo o desejo me assalta  
 Crescer-me alvaxa esperança !  
 De gesto a saudade alcança  
 Beijos de eterna ouzania,  
 Nem manjeira a phantasia  
 Que exalta o merecamento ;  
 Apraz-me e quero um momento  
 — PESAR-TE COMO A LETRA !

Se estas sardanhas fritando,  
 Ferve-me o amor no peito,  
 Heitas quadrinhas a peito  
 Tacos ulhos eloquento ;  
 Vou pouco a pouco chegando  
 Mas carvão ao fogareiro ...  
 So me pesa ser coxeiro  
 E que o patão me observe,  
 Porque dirá: NÃO ME SERVE  
 — PUXA-SI, AO FRESCO BICOCHUDO !

D. M. C. DO NASCIMENTO.

## POESIAS.

### A Amizade.

Desejem uns embora ter brazões,  
 Explendidas palacios, tanta meza,  
 Bojudas arcas <sup>palacios</sup> preñes de thesouros.

P'ra ostentar realeza ;

Outros, tantos navios cheios de ouro,  
 Que có pezo gemesse o mar profundo,  
 Oh então que á sua vez omnipotente

Se ajoelhasse e mando ;

Que eu não desejo ter tantas riquezas,  
 Nem palacios, brazões ou fantasias,  
 Desejo só á candida Amizade,

consagrar meus dias.

Desterro Julho de 62.

Elisario.

## ESGUTA.

Talvez perguntes, Zizina  
 A causa desta tristeza,  
 A que tu chamas frieza  
 Frieza do coração  
 Ah! não queiras tu sabel-a  
 Que <sup>perguntes</sup> <sup>queiras</sup> <sup>que</sup> <sup>podés</sup> <sup>perdes-me</sup> <sup>perdo</sup>

Não é frieza o que vodes :  
 Eu ardo todo abrasado  
 N'um fogo puro e sagrado  
 Vixo fogo da paixão !  
 Se certa, amo-te ainda ;  
 E's bella, formosa, és linda,  
 Tenho-te sempre afeição.

A causa desta tristeza  
 Não posso jamais dezel-a  
 Pois talvez ao conhecel-a  
 Tu me pridesces perdão ;  
 E eu te amo e não quero  
 Que cores, ah! não tolero  
 Em ti uma humilhação

Talvez que a saibas um dia,  
 Quando já valor não tenha  
 Entretanto elle não venha  
 Nosso céo d'amor toldar  
 Sé fiel, meiga e constante  
 Que um peito sempre amante  
 Hade alegre te adorar.

Desterro 19 de Julho de 1862.

Catharino Galeno.

## PENSAMENTO.

Temos prazer em acharmo-nos n'um  
 navio batido pela tempestade, quando so-  
 mos certos de que elle não será destruido.  
 São desta natureza as peregrinações que  
 atormentão a Igreja,

Pascal.

Na dicifração da charada do n.º antece-  
 dente fallou, marcar-se no 4.º verso da 2.ª  
 quadra 1 syllaba. A dicifração da mesma é  
 Joaquim <sup>quin</sup>.

Typographia Catharinense e  
 de Germano Antonio Maria Aveim, Rua Augusta  
 N. 23. — 1862.